

As variações linguísticas nas provas de linguagens do ENEM: um estudo diacrônico
Linguistic variation in the ENEM language tests: a diachronic study

Lúcia Halline Moraes OLIVEIRA¹
José Maria de Aguiar SARINHO JÚNIOR²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar um estudo diacrônico sobre o tratamento dado às variações linguísticas nas nove edições do ENEM, entre 2009 e 2016. A pesquisa quali-quantitativa também mostra os resultados das análises de um questionário aplicado em uma escola de referência em ensino médio, com questões extraídas do exame, todas voltadas para a mesma temática. A pesquisa fundamenta-se à luz dos pressupostos teóricos de Bagno (2003, 2007, 2011, 2013), Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2014), Mollica (2012), entre outros. De acordo com a análise do corpus, observamos que as últimas edições do ENEM têm abordado as variações sob uma perspectiva puramente linguística, além disso, os resultados do questionário aplicado evidenciam que os alunos das turmas pesquisadas possuem a consciência linguística dos diversos modos de falar, coexistentes com a norma padrão da língua portuguesa.

Palavras-chave: Abordagem temática. ENEM. Sociolinguística. Variação linguística.

Abstract: This article aims to present a diachronic study on the treatment of linguistic variation in the last nine editions of the ENEM between the years 2007 and 2016. The qualitative-quantitative research also brings the results of the analyzes of a questionnaire applied to teachers in a reference high school, composed by questions extracted from the exam, all of them focusing on the same theme. The research is based on the theoretical assumptions of Bagno (2003, 2007, 2011, 2013), Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2014), Mollica (2012), among others. According to the analysis of the corpus, we could observe that the last editions of the ENEM approached the variations from a pure linguistic perspective. In addition, the results of the applied questionnaire showed that the students of the studied groups are linguistically aware of the different ways of speaking, coexisting with the standard norm concerning the Portuguese language.

Keywords: Thematic approach. ENEM. Sociolinguistic. Linguistic variation.

<http://dx.doi.org/10.24024/23585188v12n1a2019p47061>

¹ Graduada em Letras (UPE/Campus Mata Norte), Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (Universidade Cândido Mendes), Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa (UPE/Campus Mata Norte) e Professora Estatutária da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco. E-mail: hallinemoraes@hotmail.com

² Mestre em Letras (UEPB), Especialista em Literatura e Estudos Culturais (UEPB), Especialista em Língua e Literatura de Língua Inglesa (UPE), Doutorando em Linguística (UEPB), Professor Contratado da UPE e Professor Estatutário da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco. E-mail: jaguiarsarinho@yahoo.com.br.

Introdução

Para se comunicar, o homem se utiliza da linguagem, quer seja oralmente, quer seja através da representação escrita. Dessa forma, à medida que interagimos, construímos e, conseqüentemente, reforçamos os papéis inerentes aos inúmeros domínios nos quais estamos inseridos: no lar, na sala de aula, na igreja, entre outros. Sendo assim, a transição de um domínio para outro diz respeito, também, à mudança de culturas, de aspectos sócio-históricos, de eventos de comunicação e de monitoração estilística. Mas é preciso atentar para o fato de que, muitas vezes, a linguagem internalizada que utilizamos nem sempre é aceita pela comunidade escolar, desencadeando bloqueios na aprendizagem de outras formas de falar e escrever e perpetuando o preconceito linguístico.

A principal proposta deste trabalho é analisar como se dá o tratamento da variação linguística no ensino médio, tomando como base as avaliações do ENEM de 2009 a 2016, em um estudo diacrônico. A motivação em escolher este tema vem da ideia de que o aluno de nível médio deve utilizar a linguagem, adequando-a às diversas situações comunicativas e levando em consideração os participantes do contexto interacional. Nesse sentido, vê-se que o ensino de Língua Portuguesa ainda está aquém do que propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio e as Orientações Curriculares Nacionais, no que tange às variações linguísticas, gerando preconceito para com determinados grupos.

Nessa perspectiva, a pesquisa na qual se baseia este trabalho ocorre a partir da seguinte problemática: será que as provas de Linguagens do ENEM abordam as variações linguísticas numa perspectiva reflexiva acerca da modalidade falada da língua?

O objetivo geral deste trabalho de pesquisa é observar se e de que maneira as questões relacionadas às variações linguísticas têm sido propostas nas provas de Linguagens, códigos e suas tecnologias, entre os anos 2009 e 2016. Partindo deste objetivo, também interessa a esta pesquisa, examinar se as questões, bem como o seu enunciado, apontam para uma reflexão sobre o contexto discursivo da linguagem em uso; discriminar os tipos de variação presentes nas questões, destacando as que foram mais recorrentes nos últimos oito anos, bem como contribuir para um ensino de Língua Portuguesa que respeite os diversos modos de falar, considerados errados, de acordo com a norma padrão.

Este artigo está dividido em três partes. Na primeira, é possível encontrar a Sociolinguística e as contribuições de Labov, contendo um breve histórico da Sociolinguística e sua trajetória até consolidar-se como ciência, especificando as duas premissas basilares para os estudos teóricos: os conceitos de relativismo cultural e de heterogeneidade linguística. Além disso, há uma abordagem acerca da Sociolinguística Variacionista, escopo deste trabalho, baseada nos pressupostos de Bagno (2003, 2007, 2011, 2013) e Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2014) e a sistematização dessas pesquisas por meio dos contínuos de monitoramento. Na segunda parte, abordamos os estudos sociológicos e sua contribuição na educação básica, além de suas influências (repercussão) nas avaliações do ENEM, considerando a história do exame, as exigências dos documentos oficiais norteadores do ensino médio, bem como sua relevância maior nos últimos anos e como as variações linguísticas vem sendo discutidas ao longo desse tempo. A terceira parte desse trabalho compreende a metodologia da pesquisa, a análise e discussão dos resultados.

Introdução aos estudos sociolinguísticos: contribuições de Labov/A sociolinguística variacionista

Os estudos voltados para a Sociolinguística tiveram início nas primeiras décadas do século XX, com Ferdinand de Saussure e integrantes do Círculo Linguístico de Praga, ao conceber a língua como meio de comunicação. Apesar de sua incipiência, têm-se aí uma reflexão que, mais tarde, desencadearia em uma subárea da Linguística, que põe como centro de sua abordagem o uso dessa língua em comunidades de fala.

Sendo assim, a Linguística propõe um tratamento de cunho social e, portanto, heterogêneo. Essa correlação entre língua e sociedade recebeu uma investigação mais teórica a partir de William Labov,

sendo também chamada de Sociolinguística Quantitativa, pelo fato de suas pesquisas serem organizadas em dados estatísticos.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2014), duas premissas basilares fundamentaram os estudos sociolinguísticos. São elas: a heterogeneidade linguística e o relativismo cultural. A primeira premissa reconhece a existência da pluralidade de variações de uma mesma língua, analisando também a diversidade de estilos no interior das comunidades. Por sua vez, o relativismo cultural, postulado por Franz Boas, afirma que não há cultura superior a outra, ainda que uma delas seja mais prestigiada socialmente do que as demais.

Nessa perspectiva, as culturas tendem a coexistir e a contribuir significativamente para a ampliação do arcabouço linguístico dos falantes, uma vez que

A pesquisa sociolinguística foi motivada pela constatação de que as crianças oriundas de grupos linguísticos minoritários representavam desempenho escolar muito inferior ao das crianças provenientes de classe média e de classe alta. Hoje podemos explicar essas diferenças com base no grau de letramento com que as crianças convivem em seu ambiente familiar (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 12).

A partir daí, começaram as primeiras reflexões acerca da influência do letramento sobre essas comunidades socialmente estigmatizadas. Labov passou a estudar as relações conflituosas entre o inglês padrão e o inglês não padrão em Nova Iorque, em Massachusetts e na Filadélfia. Outras pesquisas foram realizadas envolvendo o uso da língua em diferentes comunidades, consolidando a Sociolinguística como ciência autônoma e interdisciplinar. A Teoria da Variação tem como finalidade estudar sistematicamente a variação e a mudança linguística em comunidades de fala, ou seja, os diferentes modos de dizer a mesma coisa, afirmando o reconhecimento de Bloomfield ao dizer que “alguns enunciados se equivalem” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 63). Contudo, essa visão só é possível quando a perspectiva de língua é funcional. Convém salientar que nem toda variedade na estrutura linguística envolve mudança, mas toda mudança envolve, obrigatoriamente, variabilidade (WEINREICH; LABOV; HERZOG, *apud* COAN; FREITAG, 2010, p. 178). Para haver mudança, é necessário dizer o que ocorreu e os motivos, sendo o estudo da variação um meio de explicar o fenômeno da mudança.

Sabe-se que a heterogeneidade defendida pela teoria sociolinguística é relevante para identificar e analisar as diferenças linguísticas presentes nas comunidades de fala. No entanto, isso se dá de forma ordenada. A variação leva em consideração não apenas os aspectos linguísticos, mas também os extralinguísticos que se correlacionam, ou seja,

As variáveis, tanto linguísticas quanto não-linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes (MOLLICA, 2012, p. 27).

A saber, um indivíduo com baixo grau de instrução escolar, sem contato com os diversos meios de leitura, escrita e baixo nível socioeconômico, dificilmente tende a utilizar a variedade prestigiada em sua linguagem.

Compartilhando dessa ideia, Bagno (2007) destaca que os fatores linguísticos ocorrem nos níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e estilístico-pragmático, a saber:

I. A variação fonético-fonológica considera as diversas pronúncias de um mesmo vocábulo na língua portuguesa. A palavra “festa”, por exemplo, é pronunciada de diferentes formas, dependendo da região: /festa/, /feiSta/, /festa/.

II. A variação morfológica compreende diferentes formas para expressar a mesma ideia: viscoso, visguento.

III. A variação sintática estuda a organização dos elementos na construção frasal. Ex.: Aquela mulher que o pai está doente é uma sofredora/Aquela mulher, a qual o pai está doente é uma sofredora/Aquela mulher cujo pai está doente é uma sofredora.

IV. A variação semântica - dependendo da localização geográfica do falante, a palavra “carreira” pode significar “estrada ou caminho que promove o sucesso profissional” ou “corrida veloz”.

V. A variação lexical assemelha-se à variação semântica, mas sem levar em conta a localização do falante, e sim, as possíveis definições para uma mesma palavra, independente do fator geográfico.

VI. A variação estilístico-pragmática observa as expressões utilizadas nos diferentes contextos sociais. Por exemplo: “Entendeu?”, “morou?”, “sacou?”, “tá ligado?” correspondem a usos linguísticos marcados pela maior ou menor informalidade entre os interlocutores.

Por sua vez, os fatores extralinguísticos contribuem significativamente para o avanço da pesquisa acerca da variação linguística: “A formalidade X a informalidade do discurso, o nível socioeconômico do falante, sua escolaridade, faixa etária e sexo poderão ser considerados como possíveis grupos de fatores condicionadores” (TARALLO, 2007, p. 47). Nesse contexto, são considerados fatores extralinguísticos:

I. Formalidade X informalidade no discurso – o indivíduo adapta a sua linguagem dependendo da pessoa com quem interage.

II. Nível socioeconômico – o falante com renda salarial baixa possui um comportamento linguístico bem distinto do que possui um status socioeconômico mais alto.

III. Grau de escolaridade – os indivíduos cujo grau de escolaridade é mais elevado tendem a estar em contato com práticas de letramento, o que influencia diretamente na construção da linguagem, por meio da leitura e escrita.

IV. Faixa etária – adolescentes e pessoas de gerações anteriores não falam da mesma maneira.

V. Sexo – homens e mulheres utilizam expressões peculiares.

Convém ressaltar, ainda, que a ideia de variação não se restringe aos modos de falar, essencialmente. Ela diz respeito também ao comportamento linguístico de cada indivíduo, quer seja de maneira consciente, quer seja inconscientemente. Sendo assim, compartilhando das ideias de Bagno (2007), tais variações classificam-se em: variação diatópica, variação diastrática, variação diamésica, variação diafásica e variação diacrônica.

Varição diatópica é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes [...]. Varição diastrática é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais [...]. Varição diamésica é a que se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita [...]. Varição diafásica é o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal [...]. Varição diacrônica é a que se verifica na comparação entre as diferentes etapas da história de uma língua [...]. (BAGNO, 2007, p. 46, 47).

Nesse contexto, para sistematizar as informações acerca da variação linguística no português brasileiro, Bortoni-Ricardo (2004) desenvolve o esquema dos contínuos de monitoramento linguístico, com vistas a entender melhor as características do português do Brasil. Um desses contínuos é o de urbanização, que mostra em um polo os representantes das variedades rurais isoladas, que conservam uma linguagem característica das comunidades interioranas. No polo oposto, vemos a representação dos grupos urbanos, nos quais há falantes cujo discurso é padronizado, monitorado, visto que têm acesso à cultura de letramento, às diversas leituras, meios de comunicação e instituições sociais diversas, possibilitando a ampliação de seu repertório linguístico. No centro, entre um contínuo e outro, há a demonstração da área urbana, marcando que há indivíduos que residem em metrópoles, contudo, levam consigo marcas da variedade rural estigmatizada.

A Sociolinguística e suas relações com os documentos oficiais

A virada pragmática representa o período de renovação dos estudos linguísticos e, sob uma perspectiva funcionalista, a linguagem passou a ser vista de maneira mais condizente com a realidade dos falantes do português brasileiro. Foi a partir dos anos 80 que a Sociolinguística passou a ser discutida

e problematizada entre os professores, contribuindo para uma nova concepção de usos linguísticos e norteando práticas pedagógicas. Esse direcionamento teve suas motivações fundamentadas no que intitularam “Democratização do ensino no Brasil”.

Considerando o que foi apresentado, vale ressaltar que um pouco mais de 40% dos brasileiros viviam na zona urbana na década de 60, segundo dados do IBGE. A partir desse período, o êxodo rural foi crescente. As salas de aula das escolas públicas, até então frequentadas por estudantes moradores da zona urbana e da classe média, começaram a ter alunos cuja origem era bem diversa nos aspectos socioculturais, econômicos e linguísticos.

Essa nova clientela era composta por crianças e adolescentes semianalfabetos, desencadeando a necessidade de o professor modificar suas estratégias de ensino, a fim de lidar com o público, vindo das camadas sociais desprestigiadas e, simultaneamente, atender às expectativas dos alunos de nível socioeconômico elevado.

Nesse contexto, questiona-se: até que ponto esse período pode ser considerado de democratização, tendo em vista que as relações entre a prática de linguagem entre um aluno e outro nem sempre é respeitada? Essa democratização, ao que parece, está restrita ao acesso à instituição escolar, no entanto, o tratamento que é dado à variação demonstra um despreparo docente para lidar com a situação de décadas passadas, a qual apresenta certa semelhança com a atual.

A intervenção sociolinguística fez-se ainda mais urgente nas décadas de 70 e 80, contudo, a norma padrão ainda constituía o núcleo do ensino de português, além de rotular como erro toda e qualquer linguagem que não fosse a socialmente prestigiada. Apesar dos avanços em relação ao ensino de língua portuguesa, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio não dão ênfase à variação, concentrando seu discurso na relação entre língua, identidade e abordagem de gêneros textuais que circulam socialmente.

Dentre as orientações, destaca-se essa temática em três momentos: o primeiro ao propor a articulação entre o ensino de português, história e geografia; o segundo aprofunda a discussão sobre a insuficiência das gramáticas normativas em considerar frases produzidas em contextos menos formais como pertencentes ao acervo linguístico dos falantes; o terceiro amplia o fato de que há graus de formalidade nas situações e abre espaço para o debate acerca do que pode ou não ser considerado desvio na linguagem.

Durante quase todo o século XX, as aulas de português eram herméticas e tendo como base a gramática, a produção textual e a retórica, ainda assim, de maneira fragmentada. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (reformulados em 2016) tratam mais detalhadamente do trabalho interdisciplinar em sala de aula: “Explicitamente, disciplinas da área de Linguagens e Códigos e da área de Ciências da Natureza e Matemática devem também tratar de aspectos histórico-geográficos e culturais, ingredientes da área humanista” (BRASIL, 2016, p. 17). Sendo assim, as variações diatópica, diastrática e diacrônica podem ser perfeitamente discutidas em qualquer série do ensino médio, pois nelas estão imbricados os processos socioeconômicos e geográficos.

Mais à frente, vê-se um outro olhar sobre a insuficiência das gramáticas normativas apresentada nos livros didáticos, embora sentenças mais comuns na oralidade ainda sejam ignoradas, principalmente na fala dos alunos. Todavia, nem todas essas expressões necessitam de crivo gramatical, uma vez que compõem o discurso informal não só dos alunos, mas de qualquer falante. A visão sociocultural proposta pelo documento oficial contribui para o combate ao preconceito de origem social, econômico ou geográfico: “Enquanto aprende a analisar, o aluno também estará adquirindo a consciência de que nem tudo o que se adquire em termos de expressão e comunicação verbal é passível de análise pelo instrumental fornecido pela gramática normativa da língua” (BRASIL, 2016, p. 28).

Por fim, dentro do que se pode destacar, os PCNEM contemplam e validam a importância da gramática internalizada, manifestada tanto na fala quanto na escrita, sendo nesta influenciada pelos múltiplos letramentos, os quais os alunos podem dominar. Além disso, o documento exemplifica, mencionando situações linguísticas que são passíveis de reflexão, a saber: o que é aceitável ou não na

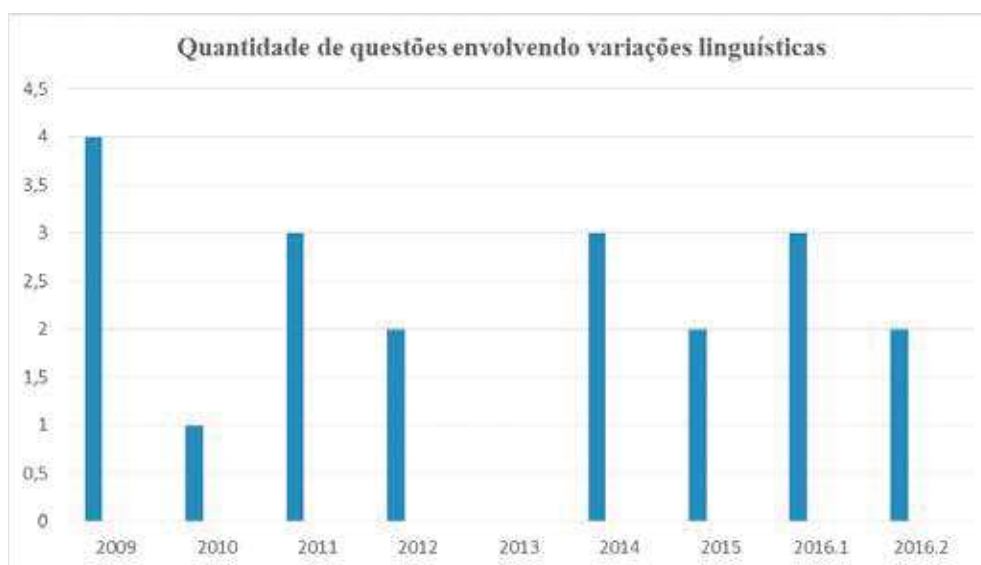
linguagem coloquial; o que pode ser desvio ou não, de acordo com a norma padrão; a existência de níveis de formalidade e as especificidades das modalidades oral e escrita.

Metodologia e análise dos resultados

As variações linguísticas já eram trabalhadas em algumas provas do ENEM anteriores ao ano 2009. Porém, a partir desse período, passaram a ser melhor abordadas. Foram analisadas 405 questões de Língua Portuguesa, entre 2009 e 2016, buscando apenas aquelas cuja abordagem faz referência à temática deste artigo.

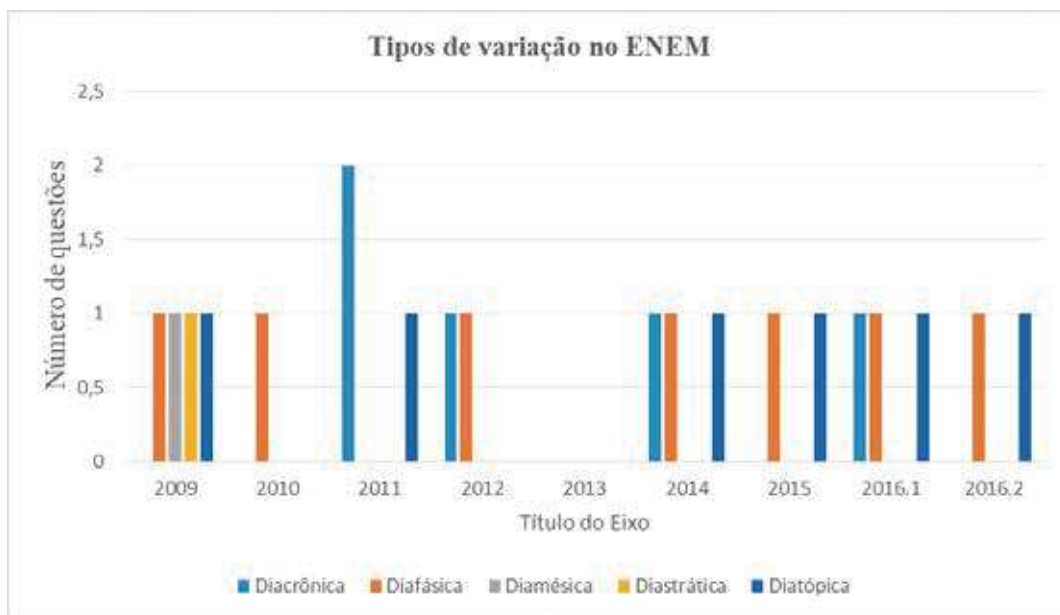
Também foi realizada uma pesquisa com o objetivo de verificar como o aluno do terceiro ano do ensino médio vê as várias formas de se dizer a mesma coisa. O corpus da pesquisa é composto por um questionário contendo dez questões selecionadas do ENEM entre 2009 e 2016, envolvendo quatro dos cinco tipos de variação postuladas por Bagno (2007), sendo 3 questões de variação diafásica, 3 sobre variação diatópica, 1 sobre variação diacrônica, 2 envolvendo as variações diafásica e diamésica e 1 questão composta pelas variações diafásica e diacrônica.

Gráfico 01: Quantidade de questões envolvendo variações linguísticas no ENEM



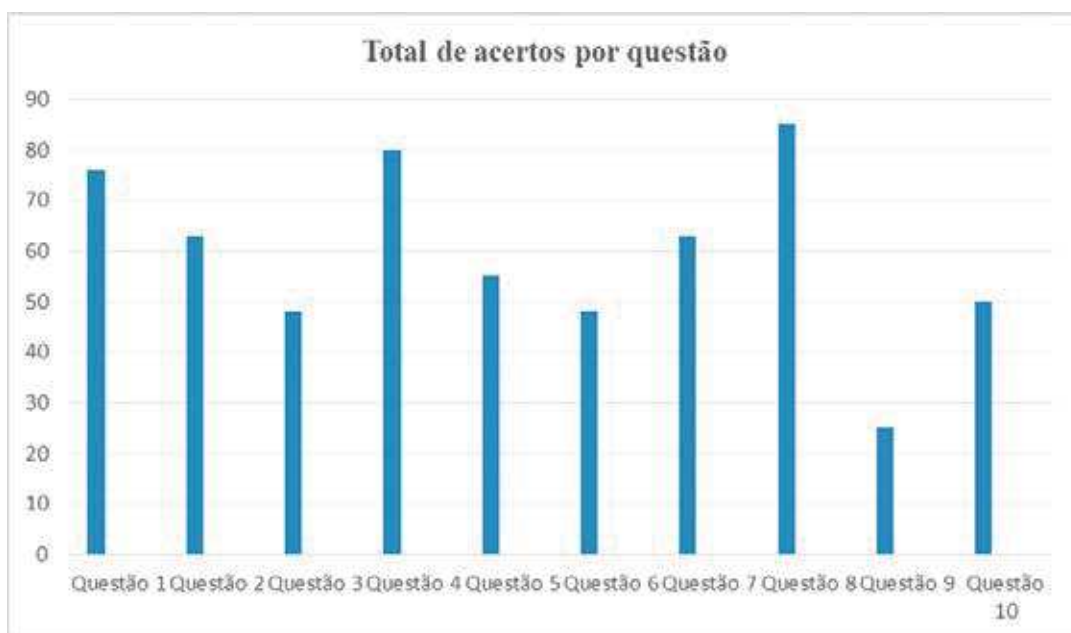
No gráfico 1, são apresentados os tipos de variações linguísticas, de acordo com as classificações propostas por Bagno (2007, p. 46-47): a diacrônica, por exemplo, tem por objetivo estabelecer uma comparação entre diferentes momentos da língua numa perspectiva histórica; a diafásica, por sua vez, está intrinsecamente relacionada ao grau de monitoramento que cada usuário da língua estabelece ao se comunicar; através da variação diamésica é possível traçar uma comparação entre a língua falada e a escrita, atentando para as peculiaridades do gênero textual em uso. Por fim, as variações diastrática e a diatópica: a primeira leva em consideração o estudo dos diferentes modos de se expressar em relação às classes sociais; na segunda, a comparação é elaborada com base nos modos de falar a partir dos diferentes lugares, quer seja em pequenas extensões rurais, quer seja nos grandes centros urbanos. Vale ressaltar que os fatores linguísticos e extralinguísticos já estão inseridos nesses critérios de classificação, conforme podemos observar através do gráfico 2.

Gráfico 02: Tipos de variação no ENEM



O questionário foi aplicado em uma escola de referência em Ensino Médio, no município de Nazaré da Mata - PE, em duas turmas de terceiro ano. O questionário foi respondido individualmente com a supervisão da professora pesquisadora e da professora titular das turmas. No gráfico 3, verifica-se o desempenho dos alunos no questionário aplicado.

Gráfico 03: Total de acertos por questões



Na questão 1, percebe-se que os acertos totalizaram 75%, demonstrando um bom conhecimento dos alunos em relação ao monitoramento linguístico. Vale ressaltar que a questão utilizada para avaliar chamava a atenção para a alteração na maneira de falar entre um gerente de um banco e seu cliente, que, posteriormente, revela-se também funcionário do mesmo estabelecimento. Nessa situação, a informalidade fez-se necessária, pois, conforme Bortoni-Ricardo (2004, p. 62) defende, nós, falantes, transitamos entre estilos monitorados, que exigem muita atenção e planejamento, e estilos não-monitorados realizados com o mínimo de atenção à forma da língua.

A questão 2, selecionada do ENEM ano 2009, faz uso do gênero anúncio e solicita do discente uma atenção a um comentário escrito à mão. Tal informação revela uma certa criticidade em relação às modalidades oral e escrita da língua, desmistificando a ideia de dicotomia (MARCUSCHI, 2008). Percebe-se, no gráfico 3, que 65% dos alunos pesquisados acertaram a questão, demonstrando conhecer a importância de se adequar o vocabulário às exigências dos textos escritos.

Na questão 3, por meio do gênero cartum, o aluno é conduzido a observar a imagem de um idoso e uma criança, representando a relação entre avô e neto por meio do uso linguístico do reducionismo “tá” ao invés do verbo “está” configurando o discurso menos monitorado, marcado pela informalidade. A resposta dada pelo neto aponta para o aspecto comunicativo ao dizer: “Que barato”. Sendo assim, 48% dos alunos entrevistados acertaram essa questão, evidenciando que quase metade do público pesquisado entendeu a proposta do enunciado, estabelecendo a correlação com a alternativa correta e, conseqüentemente, eliminando as que abordavam aspectos gramaticais não condizentes com a situação comunicativa.

A questão 4 está relacionada à variação diatópica e foi selecionada do ENEM 2011. O texto traz definições da palavra “mandioca”, bem como a importância do seu consumo no Brasil e no mundo. Entre essas definições há diversas palavras utilizadas nas regiões brasileiras, salientando que para cada local há uma maneira diferente de nomear a raiz, ratificando o conceito basilar de variação sobre a Sociolinguística Variacionista, uma vez que, conforme defende Bagno (2007), “qualquer uso da língua se individualiza por idiosincrasias do locutor e/ou de seu interlocutor, da situação em que se encontram, da cultura de que participam, da época em que vivem”. Através dos resultados de acertos dessa questão que atingem 80%, verificamos que os alunos compreenderam a existência do fenômeno da variação geográfica.

A questão 5 do questionário aplicado também foi extraída do ENEM 2011 e trata-se de um texto de Callou, o qual reflete acerca da língua, seu constante e inevitável processo de mudança, bem como dos usos que fazemos dela, sem maiores preocupações, envolvendo pessoas escolarizadas. Na verdade, busca-se a compreensão dos fenômenos da interação social por meio da linguagem. A partir da atenta leitura do texto, espera-se que o discente compreenda que os falantes que dominam a norma padrão do português brasileiro são os mesmos que constroem discursos falados ou escritos não bem aceitos pela gramática normativa, constituindo uma renovação nos modos de se usar a língua. Vale ressaltar que 55% dos alunos pesquisados acertaram essa questão.

Na questão 6, extraída do ENEM 2012, Marcos Bagno é entrevistado e discorre acerca do vocabulário e das muitas prescrições da língua que são baseadas nos usos linguísticos dos escritores portugueses do século XIX, a exemplo disso, a condenação do uso do verbo “ter” ao invés de “haver”. Dito de outro modo, os falantes brasileiros ainda tomam como referencial a linguagem do português lusitano, defendendo ou reprovando conforme o modelo vindo de Portugal. Nessa perspectiva, Bortoni-Ricardo (2004, p. 62) enfatiza que é considerado normal que qualquer falante alterne entre “estilos monitorados, que exigem muita atenção e planejamento, e estilos não monitorados, realizados com um mínimo de atenção à forma da língua”. No enunciado da questão, os alunos são confrontados a pensar acerca da(s) razão(ões) pela(s) qual(is) o entrevistado defende as formas coloquiais, contudo, utiliza a norma padrão em seu discurso. Como resultado, 48% do público pesquisado conseguiu acertar, compreendendo a necessária adaptação por parte de Marcos Bagno, de sua linguagem ao gênero entrevista.

A sétima questão foi selecionada do ENEM 2014, totalizando 63% dos acertos. O texto em discussão traz mais uma vez a temática da adequação vocabular aos diferentes textos e contextos. O autor do mesmo, Sírio Possenti, tece comentários, destacando-os e situando-os no aspecto pedagógico, levando o aluno a refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem de sua língua materna.

A questão 8, extraída do ENEM 2016.1, mais uma vez faz referência à variação diatópica, utilizando-se do gênero “texto teatral”, intitulado O Santo e a porca. No trecho, pertencente à obra do escritor Ariano Suassuna, são mencionadas as expressões “o peste” e “cachorro da molest’a”, no intuito de diagnosticar se o aluno conhece as contribuições dessa linguagem para o texto. Percebe-se que 85% dos entrevistados acertaram a proposta, sendo esta a que totalizou o maior número de acertos.

A nona questão foi extraída do ENEM 2016, em que é solicitada a leitura de um texto de Luiz Fernando Veríssimo, com palavras arcaicas e/ou menos usadas na língua portuguesa contemporânea. Nesse sentido, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 73), não são apenas “as regras que presidem à formação das sentenças, mas também as normas sociais e culturais que definem a adequação da fala”. Os alunos pesquisados conseguiram associar o emprego das expressões mais formais às intenções discursivas do texto humorístico, evidenciando o caráter diversificado dos textos do ENEM. Dessa maneira, por ser uma questão que exige mais atenção à leitura (devido à sua extensão e complexidade), apenas 25% dos discentes pesquisados acertaram essa pergunta.

Por fim, a questão 10 traz à reflexão o repertório linguístico do falante carioca, e mais uma vez destaca a variação regional com criatividade para inventar um vocabulário próprio (“vacilão”, “caraca”) ou acentuar o sotaque, tornando-o peculiar e característico (“merrmão”). Vale destacar que a questão foi retirada da edição 2016 do exame, e, ao contrário das outras perguntas sobre esse tipo de variação, 50% dos alunos pesquisados acertaram a resposta.

Considerações finais

As variações linguísticas sempre foram abordadas nas provas do ENEM; contudo, foi em 2009, com o aumento do número de questões, que o exame passou a tratar a temática de forma mais abrangente e completa, englobando tanto as variações de cunho linguístico quanto as de natureza extralinguística, salientando a importância de se discutir a sociolinguística na sala de aula.

Constata-se, por meio desta pesquisa, que é um assunto contemplado nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, evidenciando que o que a matriz de referência do exame exige do aluno trata-se de algo que deve ser trabalhado em toda a educação básica, de maneira integrada, interdisciplinar e reflexiva.

Através desta análise, tomando como base o questionário aplicado nas duas turmas do terceiro ano do ensino médio, verifica-se uma compreensão da coexistência da heterogeneidade linguística e da norma padrão, bem como a consciência de que é relevante uma comunicação apoiada na adequação linguística, levando em consideração o contexto e o interlocutor em discursos mais ou menos monitorados.

Referências

- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2011.
- BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos**: a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola, 2013.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares nacionais para o ensino médio**. Brasília, 2006.
- BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio. Brasília: MEC, 2016.
- BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 2007.
- COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meiste Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Revista Eletrônica de Linguística**, v. 4, n. 2, p. 173-194, 2010.

Disponível em: <www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewfile/11618/6863>
HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2012.
TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

Recebido em: 02.03.2018

Aprovado em: 05.04.2018

Para referenciar este texto:

OLIVEIRA, Lúcia Halline Moraes; SARINHO JÚNIOR, José Maria de Aguiar. As variações linguísticas nas provas de linguagens do ENEM: um estudo diacrônico. **Revista FAFIRE**, Recife, v. 12, n. 1, p. 47-61, jan./jun. 2019.

Anexos

UPE – Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte
Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa
Aluna: Lúcia Halline Moraes Oliveira
Orientador: Prof. Me. José Maria de Aguiar Sarinho Júnior

QUESITOS

1 – (ENEM 2009)

Gerente – Boa tarde. Em que eu posso ajudá-lo?
Cliente – Estou interessado em financiamento para compra de veículo.
Gerente – Nós dispomos de várias modalidades de crédito. O senhor é nosso cliente?
Cliente – Sou Júlio César Fontoura, também sou funcionário do banco.
Gerente – Julinho, é você, cara? Aqui é a Helena! Cê tá em Brasília? Pensei que você ainda tivesse na agência de Uberlândia! Passa aqui pra gente conversar com calma.
BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna. São Paulo: Parábola, 2004. (adaptado).

Na representação escrita da conversa telefônica entre a gerente do banco e o cliente, observa-se que a maneira de falar da gerente foi alterada de repente devido:

- A - À adequação de sua fala à conversa com um amigo, caracterizada pela informalidade.
- B - Iniciativa do cliente em se apresentar como funcionário do banco.
- C - Ao fato de ambos terem nascido em Uberlândia (Minas Gerais).
- D - À intimidade forçada pelo cliente ao fornecer seu nome completo.
- E - Ao seu interesse profissional em financiar o veículo de Júlio.

2 – (ENEM 2009)



(Veja, 7 maio 1997)

Na parte superior do anúncio, há um comentário escrito à mão que aborda a questão das atividades linguísticas e sua relação com as modalidades oral e escrita da língua. Esse comentário deixa evidente uma posição crítica quanto a usos que se fazem da linguagem, enfatizando ser necessário:

- A - Implementar a fala, tendo em vista maior desenvoltura, naturalidade e segurança no uso da língua.
- B - Conhecer gêneros mais formais da modalidade oral para a obtenção de clareza na comunicação oral e escrita.
- C - Dominar as diferentes variedades do registro oral da língua portuguesa para escrever com adequação, eficiência e correção.
- D - Empregar vocabulário adequado e usar regras da norma padrão da língua em se tratando da modalidade escrita.
- E - Utilizar recursos mais expressivos e menos desgastados da variedade padrão da língua para se expressar com alguma segurança e sucesso.

3 – (ENEM 2010):



BESSINHA. Disponível em: http://pattindica.files.wordpress.com/2009/06bessinha458904-jpg-image_1245119001858.jpeg (adaptado).

As diferentes esferas sociais de uso da língua obrigam o falante a adaptá-la às variadas situações de comunicação. Uma das marcas linguísticas que configuram a linguagem oral informal usada entre avô e neto é:

- A - A opção pelo emprego da forma verbal “era” em lugar de “foi”.
- B - A ausência de artigo antes da palavra “árvore”.
- C - Emprego da redução “tá” em lugar da forma verbal “está”.
- D - O uso da contração “desse” em lugar da expressão “de esse”.
- E - A utilização do pronome “que” em início de frase exclamativa.

4 – (ENEM 2011):

MANDIOCA — mais um presente da Amazônia

Aipim, castelinha, macaxeira, maniva, maniveira. As designações de Manihot utilíssima podem variar de região, no Brasil, mas uma delas deve ser levada em conta em todo o território nacional: pão-de-pobre - e por motivos óbvios. Rica em fécula, a mandioca - uma planta rústica e nativa da Amazônia disseminada no mundo inteiro, especialmente pelos colonizadores portugueses - é a base de sustento de muitos brasileiros e o único alimento disponível para mais de 600 milhões de pessoas em vários pontos do planeta, e em particular em algumas regiões da África. O melhor do Globo Rural. fev. 2005 (fragmento)

O melhor do Globo Rural. Fev. 2005 (fragmento)

De acordo com o texto, há no Brasil uma variedade de nomes para a Manihot utilíssima, nome científico da mandioca. Esse fenômeno revela que

- A - Existem variedades regionais para nomear uma mesma espécie de planta.
- B - Mandioca é nome específico para a espécie existente na região amazônica.
- C - “Pão-de-pobre” é designação específica para a planta da região amazônica.
- D - Os nomes designam espécies diferentes da planta, conforme a região.
- E - A planta é nomeada conforme as particularidades que apresenta.

5 – (ENEM 2011):

Há certos usos consagrados na fala, e até mesmo na escrita, que, a depender do estrato social e do nível de escolaridade do falante, são, sem dúvida, previsíveis. Ocorrem até mesmo em falantes que dominam a variedade padrão, pois, na verdade, revelam tendências existentes na língua em seu processo de mudança que não podem ser bloqueadas em nome de um “ideal linguístico” que estaria representado pelas regras da gramática normativa. Usos como ter por haver em construções existentes (tem muitos livros na estante), o do pronome objeto na posição de sujeito (para mim fazer o trabalho), a não-concordância das passivas com se (aluga-se casas) são indícios da existência, não de uma norma única, mas de uma pluralidade de normas, entendida, mais uma vez, norma como conjunto de hábitos linguísticos, sem implicar juízo de valor.

CALLOU, D. Gramática, variação e normas. In VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. (Orgs.) Ensino de gramática: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007 (fragmento).

Considerando a reflexão trazida no texto a respeito da multiplicidade do discurso, verifica-se que:

- A - Estudantes que não conhecem as diferenças entre língua escrita e língua falada empregam, indistintamente, usos aceitos na conversa com amigos quando vão elaborar um texto escrito.
- B - Falantes que dominam a variedade padrão do português do Brasil demonstram usos que confirmam a diferença entre a norma idealizada e a efetivamente praticada, mesmo por falantes mais escolarizados.
- C - Moradores de diversas regiões do país enfrentam dificuldades ao se expressar na escrita revelam a constante.
- D - Pessoas que se julgam no direito de contrariar a gramática ensinada na escola gostam de apresentar usos não aceitos socialmente para esconderem seu desconhecimento da norma padrão.
- E - Usuários que desvendam os mistérios e sutilezas da língua portuguesa empregam forma do verbo ter quando, na verdade, deveriam usar formas do verbo haver, contrariando as regras gramaticais.

6 – (ENEM 2012):

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo “ter” no lugar de “haver”, como em “hoje tem feijoada”, é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo “ter”.

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo “ter” como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores.

Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para “errar” na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora. Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:

- A - Adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
- B - Apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
- C - Propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
- D - Acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
- E - Defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador

7 – (ENEM 2014):

Só há uma saída para a escola se ela quiser ser mais bem-sucedida: aceitar a mudança da língua como um fato. Isso deve significar que a escola deve aceitar qualquer forma da língua em suas atividades escritas? Não deve mais corrigir? Não! Há outra dimensão a ser considerada: de fato, no mundo real da escrita, não existe apenas um português correto, que valeria para todas as ocasiões: o estilo dos contratos não é o mesmo do dos manuais de instrução; o dos juizes do Supremo não é o mesmo do dos cordelistas; o dos editoriais dos jornais não é o mesmo do dos cadernos de cultura dos mesmos jornais. Ou do de seus colonistas.

POSSENTI, S. Gramática na cabeça. Língua Portuguesa, ano 5, n. 67, maio 2011 (adaptado).

Sírio Possenti defende a tese de que não existe um único “português correto”. Assim sendo, o domínio da língua portuguesa implica, entre outras coisas, saber:

- A - Descartar as marcas de informalidade do texto.
- B - Reservar o emprego da norma padrão aos textos de circulação ampla.
- C - Moldar a norma padrão do português pela linguagem do discurso jornalístico.
- D - Adequar as formas da língua a diferentes tipos de texto e contexto.
- E - Desprezar as formas da língua previstas pelas gramáticas e manuais divulgados pela escola.

8 – (ENEM 2016):

PINHÃO sai ao mesmo tempo que BENONA entra.
BENONA: Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.
EURICÃO: Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.
BENONA: Mas Eurico, nós lhe devemos certas atenções.
EURICÃO: Você, que foi noiva dele. Eu não!
BENONA: Isso são coisas passadas.
EURICÃO: Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedento, atacado de verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da molest’á, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

SUASSUNA, A. O santo e a porca. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013 (fragmento).

Nesse texto teatral, o emprego das expressões “o peste” e “cachorro da molest’á” contribui para

- A – marcar a classe social das personagens.
- B – caracterizar usos linguísticos de uma região.
- C – enfatizar a relação familiar entre as personagens.
- D – sinalizar a influência do gênero nas escolhas vocabulares.
- E – demonstrar o tom autoritário da fala de uma das personagens.

9 – (ENEM 2016):

DE DOMINGO

- Outrossim...
 - O quê?
 - O que o quê?
 - O que você disse.
 - Outrossim?
 - É.
 - O que é que tem?
 - Nada. Só achei engraçado.
 - Não vejo a graça.
 - Você vai concordar que não é uma palavra de todos os dias.
 - Ah, não é. Aliás, eu só uso domingo.
 - Se bem que parece mais uma palavra de segunda-feira.
 - Não. Palavra de segunda-feira é “óbice”.
 - “Ônus”.
 - “Ônus” também. “Desiderato”. “Resquício”.
 - “Resquício” é de domingo.
 - Não, não. Segunda, no máximo terça.
 - Mas “outrossim”, francamente...
 - Qual é o problema?
 - Retira o “outrossim”.
 - Não retiro. É uma ótima palavra. Aliás, é uma palavra difícil de usar. Não é qualquer um que usa “outrossim”. Tem que saber a hora certa. Além do dia.
 - Aliás, uma palavra que uso pouco é “aliás”.
 - Pois você não sabe o que está perdendo. “Aliás” é ótimo. Muito bom também é “não obstante”.
 - “Não obstante”! Acho que essa eu nunca usei.
 - “Não obstante” é de sábado.
 - Quais são as outras palavras de domingo?
 - Bem, tem “bel-prazer”.
 - “Bel-prazer” é fantástico.
 - “Trâmites”, “paulatino” ou “paulatinamente”, “destarte”...
 - “Amiúde” é de domingo?
 - Não, meio de semana. De domingo é “assaz”.
 - Mas o que é que você estava dizendo?
 - O que era mesmo? Eu parei no outrossim...
 - Não. Eu não aceito outrossim.
 - Como, não aceita?
 - Não quero. Outrossim, não. Usa outra palavra.
 - Mantenho o outrossim.
 - Então é fim de papo.
 - Você vai me tirar o outrossim da boca? Eu tive um trabalho danado para arranjar uma frase para encaixar o outrossim e agora não posso usar?
 - Pra cima de mim, não.
 - Deveras, eu...
 - Deveras não!
 - Mas deveras é de domingo.
 - Não. Retira o deveras. Retira o deveras!
- VERISSIMO, L. F. Comédias da vida privada. Porto Alegre: L&PM, 1996 (fragmento).

No texto, há uma discussão sobre o uso de algumas palavras da língua portuguesa. Esse uso promove o(a):

- A - Marcação temporal, evidenciada pela presença de palavras indicativas dos dias da semana.
- B - Tom humorístico, ocasionado pela ocorrência de palavras empregadas em contextos formais.
- C - Caracterização da identidade linguística dos interlocutores, percebida pela recorrência de palavras regionais.
- D - Distanciamento entre os interlocutores, provocado pelo emprego de palavras com significados pouco conhecidos.
- E - Inadequação vocabular, demonstrada pela seleção de palavras desconhecidas por parte de um dos interlocutores do diálogo.

10 – (ENEM 2016):

Da corrida de submarino à festa de aniversário no trem

Leitores fazem sugestões para o Museu das Invenções Cariocas

“Falar ‘caraca!’ a cada surpresa ou acontecimento que vemos, bons ou ruins, é invenção do carioca, como também o ‘vacilão.’”

“Cariocas inventam um vocabulário próprio”. “Dizer ‘merrmão’ e ‘é merrmo’ para um amigo pode até doer um pouco no ouvido, mas é tipicamente carioca.”

“Pedir um ‘choro’ ao garçom é invenção carioca.”

“Chamar um quase desconhecido de ‘querido’ é um carinho inventado pelo carioca para tratar bem quem ainda não se conhece direito.”

“O ‘ele é um querido’ é uma forma mais feminina de elogiar quem já é conhecido.” SANTOS, J. F.

Disponível em: www.oglobo.globo.com. Acesso em: 6 mar. 2013 (adaptado)

Entre as sugestões apresentadas para o Museu das Invenções Cariocas, destaca-se o variado repertório linguístico empregado pelos falantes cariocas nas diversas situações específicas de uso social. A respeito desse repertório, atesta-se o (a):

A – desobediência à norma-padrão, requerida em ambientes urbanos.

B – inadequação linguística das expressões cariocas às situações sociais apresentadas.

C – reconhecimento das variação linguística, segundo o grau de escolaridade dos falantes.

D – Identificação de usos linguísticos próprios da tradição cultural carioca.

E – variabilidade no linguajar carioca em razão da faixa etária dos falantes.